

## **A historiografia sobre a medicina na Primeira Idade Média: um balanço.**

Bruno Uchoa Borgongino  
Doutorando em História – UFRJ  
Professor na UNESA  
[uchoa88@gmail.com](mailto:uchoa88@gmail.com)  
Enviado em: 31/07/2015  
Aceito em: 06/11/2015

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é realizar uma revisão crítica sobre historiografia concernente à Medicina na Primeira Idade Média. O trabalho é dividido em quatro partes. Na primeira, abordo a Tese do Conflito, hipótese influente nos estudos sobre a Medicina no começo do medievo. No segundo, apresentarei as principais correntes historiográficas sobre o tema. No terceiro, proponho alternativas viáveis de pesquisa. Por fim, exponho uma síntese do balanço historiográfico empreendido.

**Palavras-chave:** *Medicina, historiografia, História da Medicina.*

### **Abstract:**

The objective of this article is to do a critical review about historiography of Medicine in Early Middle Ages. The work is divided into four parts. In the first, I analyze the Conflict Thesis, an hypothesis influential in studies about Medicine in the beginning of the Middle Ages. In the second, I will present the most relevant historiographical currents about this theme. In the third, I propose viable research alternatives. Finally, I synthesize the historiographical balance.

**Keywords:** *Medicine, historiography, History of Medicine*

No decorrer da minha trajetória acadêmica, interessei-me pelo tema da saúde física na produção intelectual da Primeira Idade Média.<sup>1</sup> Dessa maneira, minhas investigações dialogaram com a História da Medicina em diversas ocasiões, fosse para analisar documentos que incidiam sobre a vida monástica, fosse para abordar tratados médicos da época. O objetivo do presente artigo é realizar uma revisão crítica sobre a historiografia concernente à Medicina no período em questão.

O artigo é dividido em quatro tópicos. No primeiro, versarei a respeito da *Tese do Conflito*, hipótese influente nos estudos sobre a Medicina no começo do medievo. No segundo, apresentarei as principais correntes historiográficas. No terceiro, proponho algumas alternativas viáveis de pesquisa que se desvinculem das preocupações predominantes na produção especializada. Encerro este texto com uma síntese do balanço historiográfico empreendido.

## 1. O advento da *Tese do Conflito*

Em 1874, o professor de química e de física da Universidade de Nova York John William Draper publicou o livro *The history of the conflict between religion and science*. Tal como o título indicava, seu propósito era narrar o antagonismo entre ciência e religião ao longo do tempo. No prefácio, lê-se:

O antagonismo que podemos testemunhar entre Religião e Ciência é a continuação de um conflito que começou quando o Cristianismo começou a deter poder político. Uma revelação divina deve necessariamente ser intolerante à contradição; deve repudiar toda melhora em si mesma, e ver com desdém a ascensão do progressivo desenvolvimento intelectual do homem (...).

A história da Ciência não é um mero apanhado de descobertas isoladas; é uma narrativa do conflito entre duas forças em competição, a expansão da força do intelecto humano de um lado, e a compreensão advinda da fé tradicional e dos interesses humanos de outro. (DRAPER, 1874: VI. Tradução minha)

Para Draper, o Cristianismo e a Ciência seriam forças inevitavelmente opostas e em divergência perpétua. Contudo, o autor alertou que essa dinâmica não se estabeleceria em

todas as modalidades de fé cristã, sendo algo específico do catolicismo. Com base nesse ponto de vista, afirmou que propositalmente não contemplaria “opiniões mais moderadas ou intermediárias”. As igrejas gregas e o Protestantismo não foram considerados no livro, uma vez que, no julgamento do autor, não seriam contrários ao avanço do conhecimento, embora eventualmente estimulassem o ódio teológico (Ibidem: X).

Outro motivo apontado para justificar sua atenção ao catolicismo: a associação da Igreja ao poder civil. Ao contrário das comunidades protestantes e mesmo da Ciência, a Igreja Católica teria pretensões políticas, estando até mesmo disposta a artifícios cruéis para satisfazê-las (Ibidem: X-XI):

Falando de Cristianismo, a referência é geralmente feita à Igreja Romana, particularmente porque (...) comumente busca reforçar essas demandas pelo poder civil. Nenhuma das igrejas protestantes ocupou em momento algum uma posição tão imperiosa (...).

Como a Ciência, ela [a Igreja Protestante] nunca tentou se aliar com o poder civil (...). Nunca tentou subjugar ninguém a tormento mental, tortura física, deixar todos para morrer, pelo propósito de sustentar ou promover suas ideias. (...) Mas no Vaticano – nós devemos apenas remontar à Inquisição – as mãos que agora estão erguidas em apelo ao Mais Piedoso estão rubras. Elas têm sido imersas em sangue! (Ibidem: XI. Tradução minha)

O estudo de Draper possuía um evidente viés anticatólico, atacando a Igreja tanto no âmbito intelectual quanto no político. Inclusive, a motivação para a redação do livro foi reagir à declaração da infalibilidade papal, ocorrida em 1870, por ocasião do I Concílio Vaticano, durante o pontificado de Pio IX.

Um contemporâneo de Draper, o historiador, diplomata e co-fundador da Universidade de Cornell Andrew Dickson White, adotou postura semelhante em seus trabalhos. Em *The Warfare of Science* (1876), propunha como objeto o “sagrado embate pela liberdade da Ciência” (WHITE, 1888: 7).<sup>2</sup> Logo nas primeiras páginas, White declarou de forma concisa a sua hipótese:

Em toda a história moderna, interferência na ciência no interesse suposto da religião, não importa com quanta consciência essa interferência foi feita, resultou nos mais horrendos malefícios causados à ciência e à religião – e invariavelmente. E, por outro lado, toda investigação científica que não foi impedida, não importa quão perigosa para a religião alguns desses estágios poderia parecer, na época invariavelmente resultou no mais alto bem da religião e da ciência (Ibidem: 8. Tradução minha).

O termo “invariavelmente” foi enfatizado por White. Em sua ótica, os benefícios que a liberdade da ciência proporcionaria à própria ciência e à religião consistiria numa lei do progresso histórico (Ibidem: 9)

White reconhecia as contribuições do cristianismo, apontando os trabalhos caritativos e a luta contra a servidão e a tirania. Até sublinhava que a ideia de sacrifício pelo bem da humanidade propagada pela fé cristã estimulou o homem moderno em sua batalha em favor da ciência. Nesse sentido, a avaliação de White seria mais condescendente com a Igreja do que a de Draper. Contudo, não negava que houve prejuízos históricos à ciência perpetrados pelos cristãos (Ibidem: 9):

Infelizmente, um exército devotado de homens bons iniciaram séculos atrás com a ideia de que a investigação científica independente é insegura – que a teologia deve intervir para supervisionar seus métodos, e que o registro Bíblico, como um compêndio histórico e tratado científico, deve ser tomado como um princípio para determinar os resultados. Então começou essa grande guerra moderna (Ibidem: 9-10. Tradução minha).

Portanto, para White, houve, em determinado momento histórico, o início da oposição entre o poder religioso e o empreendimento científico – não sendo o antagonismo algo intrínseco à fé cristã.

Mais tarde, em 1896, o autor publicou outro trabalho, resultado da continuidade dos seus estudos sobre o tema: *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*, lançado em dois volumes. Mantendo a mesma perspectiva do livro de 1876, analisou as embates pela emancipação da ciência em relação ao cristianismo (WHITE, 1986).

Os livros de Draper e de White obtiveram êxito comercial, decorrendo em sucessivas reimpressões e traduções. Refletindo no campo historiográfico os debates então em curso a respeito do darwinismo e a afirmação do cientista profissional e institucionalizado frente ao intelectual eclesiástico tradicional,<sup>3</sup> as hipóteses dos dois autores tiveram condições favoráveis para se difundirem.

A chamada *Tese do Conflito*, como ficou conhecida a perspectiva defendida por Draper e White de antagonismo histórico entre ciência e religião, influenciou por longo tempo a produção historiográfica a respeito da produção científica na Idade Média. No que tange ao saber médico no princípio do período medieval, os pesquisadores raramente mencionam a obra de qualquer um dos dois, porém, é constatável o predomínio da *Tese do Conflito*. Dessa forma, a medicina clássica é muitas vezes contraposta ao cristianismo ascendente.

## 2. A historiografia sobre a Medicina na Primeira Idade Média

Dentre os pesquisadores que se dedicam à investigação sobre a Medicina em perspectiva histórica, são poucos os especializados em Primeira Idade Média. Muitos dos textos na área que debatem o período são escritos por generalistas<sup>4</sup> ou por especialistas em outras épocas. Cabe frisar, ainda, que vários desses autores ocuparam ou ocupam cátedras de História da Medicina em faculdades de Medicina, não possuindo formação acadêmica em História.<sup>5</sup>

Como esclarecerei ao longo desta comunicação, as abordagens historiográficas frequentemente problematizam a presença da Medicina de inspiração hipocrática<sup>6</sup> e galênica<sup>7</sup> no período considerado. Cabe ressaltar que, ainda que haja divergências entre as essas duas perspectivas médicas,<sup>8</sup> há convergências significativas, afinal, os escritos de Galeno utilizavam o *Corpus Hippocraticum* como referência. Na avaliação de Rebollo, é no que concerne à patologia e à terapêutica que a aproximação entre Galeno e o hipocratismo é mais perceptível (REBOLLO, 2006: 78-79).

Desde o final do século XIX, historiadores da Medicina empregaram o termo “racional” para caracterizar o saber médico hipocrático-galênico. Ao utilizarem esse adjetivo, atribuíam duas características à Medicina medieval: secularidade, tendo em vista

uma suposta oposição dos médicos às formas milagrosas de cura; cientificidade, o que significaria a transposição de parâmetros contemporâneos de formação de saber para o medievo. Assim, o uso do “racional” consiste num anacronismo, pois a Medicina no período não se pretendia oposta ao tratamento religioso e nem se baseada em critérios de cientificidade, que eram estranhos aos homens daquela época.<sup>9</sup>

Identifico duas perspectivas principais na bibliografia sobre a Medicina em meu recorte temporal: uma defende que, com a instalação dos germanos nos territórios antes pertencentes ao Império Romano, houve uma descontinuidade em relação à Medicina greco-romana; a outra ressalta a continuidade do saber médico clássico na Primeira Idade Média.

## 2.1 A perspectiva da descontinuidade

Para autores dessa corrente, o início do medievo representou um declínio do conhecimento e da prática medicinal de matriz greco-romana, ou mais precisamente, hipocrático-galênica. Muitos deles recorreram à ideia de que o Império Romano entrou em colapso para explicar a decadência da Medicina “racional”. Alguns, como Benjamin Lee Gordon, citavam o *The Decline and Fall of Roman Empire*, de Edward Gibbon, para explicar o contexto em que teria ocorrido a queda do saber médico clássico (GORDON, 1960).

Comumente, os adeptos dessa perspectiva afirmaram que a crença em curas milagrosas contribuiu para o declínio do tratamento médico clássico. Cabe sublinhar que, a despeito de compartilharem a hipótese de que a Medicina antiga decaiu, nenhum dos autores defendeu que esse saber desapareceu por completo, mas sim que só restou um conhecimento fragmentário, distorcido, subordinado aos princípios cristãos e restrito aos meios clericais e monásticos.

A fim de exemplificar a abordagem dos pesquisadores adeptos da corrente por ora em discussão, apresento três textos: *An epitome of the History of the Medicine*, de Roswell Park, *Storia della Medicina*, de Arturo Castiglioni, e *History of Western Medicine from Hippocrates to germ theory*, de Guenter Risse.

Roswell Park, em *An epitome of the History of Medicine*, de 1897, defendia que somente pessoas examinadas e autorizadas poderiam exercer a Medicina no Império Romano. Quem transgredisse tal determinação seria punido. Com tal medida, conseguiu-se evitar “os males da anarquia médica” (PARK, 1899: 54. Tradução minha). Quando o Império declinou com o barbarismo, encerrou-se esse panorama positivo.

No julgamento desse autor, um dos débitos que temos com o Cristianismo é a aparição das instituições de auxílio caritativo. Ainda assim, acredita que a Medicina decaiu no começo da Idade Média, principalmente por conta do repúdio cristão ao estudo da anatomia. Segundo defende, a expansão do Cristianismo resultou na desorganização e desaparecimento de escolas pagãs, na ruína dos professores que ainda permaneciam nessas antigas escolas e no descarte das ciências ditas profanas, como a medicina. A ênfase nas controvérsias religiosas e a reverência das autoridades do passado levaram ao colapso de pesquisas originais e do progresso científico (Ibidem: 54-56).

Em 1927, o italiano Arturo Castiglioni publicou o livro *Storia della Medicina*, que se tornou referência para estudos no campo. Seu objetivo era abarcar o desenvolvimento das idéias médicas, o exame dos fatos “de acordo com a sua natureza” e a descrição biográfica daqueles que contribuíram para o “progresso” da Medicina (CASTIGLIONI, 1947: 3-13).<sup>10</sup>

Segundo o exposto nesse livro, a obra do médico romano Galeno marcou o ponto culminante da medicina greco-romana, ao mesmo tempo em que assinala o início da sua decadência. Dentre os fatores que propiciaram esse processo, Castiglioni ressalta o papel das epidemias para o processo de queda do Império Romano e para obstruir a “evolução” da ciência médica. As doenças propiciaram um estado de abatimento que resultou em superstições e credências e na desconfiança dos médicos, sobretudo entre os “ignorantes” (Ibidem: 285-290).

Ainda segundo Castiglioni, houve uma fusão entre o pensamento médico e o religioso cristão, em que a cura era promovida pelo poder divino e a prática médica seria uma obra de caridade. No Ocidente, os germanos, com uma cultura médica “primitiva”, logo “compreenderam o exercício da medicina à maneira romana” (Ibidem: 342). A partir

do século VI, a literatura médica se refugiou nas igrejas e claustros, sendo a medicina ensinada apenas nos mosteiros.

Guenter Risse foi responsável por um capítulo do livro *The Cambridge World History of Human Disease*, de 1993. Nele, aborda a História da Medicina no Ocidente de Hipócrates até o século XIX. O autor dedicou um pequeno espaço aos primeiros séculos do Cristianismo. Conforme afirma, após o “colapso do Império Romano”, a medicina ocidental retraiu e declinou. A cura se tornou um importante ato de caridade cristã, sendo um presente de Deus que não era restrito aos médicos. O tratamento tinha orientação religiosa, logo, os cristãos pretendiam curar por meio da confissão, pregação, exorcismo e milagres. Entretanto, os monges beneditinos, que cuidavam de enfermos, preservaram fragmentos do conhecimento médico clássico (RISSE, 1993: 11-19).

## 2.2 A perspectiva da continuidade

Em contraposição à tendência anteriormente mencionada, há pesquisadores que defendem que a Idade Média prosseguiu com o pensamento médico clássico. Apesar de se contraporem à perspectiva decadentista, esses autores discorreram de maneira similar sobre a Medicina no começo do medievo: opondo esse saber aos meios religiosos e supersticiosos de cura e insistindo tanto na restrição do conhecimento médico ao ambiente eclesiástico e monacal quanto na subordinação da Medicina à doutrina cristã. Assim como os que aderem à ideia de declínio do saber médico clássico não defendem que esse desapareceu por completo, geralmente os que postulam a continuidade não afirmam o prosseguimento pleno das idéias médicas greco-romanas.

Com o objetivo de compor um panorama das pesquisas realizadas sob essa ótica, apresento, a seguir, quatro textos: *Early Medieval Medicine*, de MacKinney, *Hippocrates in a world of pagans and Christians*, de Owsei Tenkim, *Charité et assistance dans la civilisation chrétienne médiévale*, de Jole Agrimi e Chiara Crisciani, e *Les regimes de santé*, de Pedro Gil Sotres.

Num livro publicado em 1979, Loren C. MacKinney criticou a hipótese da decadência da Medicina no começo da Idade Média, que julgava predominar no meio acadêmico. Assim, apontou ser necessário investigar os fragmentos de informação



concernentes ao tema e fazê-los falar por si mesmos. É sob essa perspectiva que o autor analisou, no livro em questão, a prática médica entre os séculos VI e XI (MacKINNEY, 1979: 1-23).

MacKinney postulou que havia dois tipos distintos de Medicina no período considerado. A primeira, sobrenatural, abarcava tanto as curas milagrosas dos santos e das relíquias quanto as superstições cristãs e pagãs. A segunda, humana, que compreendia a farmácia, a dietética e a cirurgia. Concernente a esse tipo de medicina, o autor destacou, a circulação de vários compêndios de remédios no período que se baseavam em escritos de época romana. Para MacKinney, o clero inicialmente se dedicou à cura sobrenatural e os germanos, a uma Medicina tradicional e primitiva; porém, ambos progrediram lentamente para conseguirem apreciar a Medicina clássica e aplicarem mais inteligentemente os resultados das suas próprias experiências práticas. Por fim, a ascensão da Medicina clerical, sobretudo a de origem monástica, levou ao obscurecimento da laica (Ibidem: 23-58).

Em 1991, Owsei Tenkim lançou o livro *Hippocrates in a world of pagans and Christians*, onde avaliou as influências das idéias hipocráticas no pensamento pagão e cristão nos primeiros séculos da era cristã. Conforme sua delimitação da problemática, a medicina hipocrática era secular, sendo o tratamento feito por meios naturais e baseado no conhecimento e na habilidade do médico – portanto, era contrastante com a cura religiosa oferecida pelo deus grego Asclépio, pelo Deus dos judeus e por Jesus Cristo (TENKIM, 1995: 77).

A partir da exposição de casos em que autores cristãos utilizaram conceitos hipocráticos entre os séculos II e IV, Tenkim argumentou que a Medicina antiga era necessária em discussões teológicas e para a elaboração de uma doutrina sobre o homem. Os conceitos de Hipócrates sobre a cura física serviram de analogia para o papel do ministério cristão de curar almas. A prática médica foi aceita como instrumento assistencial, desde que o médico creditasse a Deus a cura bem-sucedida (Ibidem: 126-133; 141; 249-256).

No ano de 1995, Mirko D. Grmek dirigiu a coleção *Histoire de la Pensée Médicale en Occident*, cujo primeiro volume, dedicado à Antigüidade e à Idade Média, constam

dois capítulos pertinentes à presente discussão. O primeiro foi escrito em conjunto por Jole Agrimi e Chiara Crisciani e teve por objetivo analisar a assistência cristã aos enfermos. Apesar da questão se distanciar do assunto que pretendiam abordar, as autoras avaliaram a situação da medicina no princípio da Idade Média. Conforme defenderam, as regras monásticas estavam preocupadas com a saúde física dos monges e, por isso, contribuíram para a conservação e transmissão de textos médicos clássicos e de conhecimentos farmacológicos (AGRIMI; CRISCIANI, 1995: 151-172).

O outro capítulo a ser considerado no livro organizado por Grmek foi redigido por Pedro Gil Sotres. Neste, o pesquisador apresentou o desenvolvimento da dieta médica na Antigüidade e na Idade Média e, dentre outras conclusões, atestou a presença de traços de normas dietéticas clássicas nas regras monásticas do início do medievo (SOTRES, 1995: 258-281).

### **3. Possibilidades de outras abordagens**

As convergências entre os adeptos das duas correntes analisadas estão relacionadas à maneira idêntica como delimitam suas problemáticas. As questões consistem, na maioria dos casos, em avaliar quem era o médico e como atuava, quem estudava os textos antigos de Medicina e o que sobreviveu dos escritos médicos clássicos. Disso tudo, conclui-se que a discordância entre essas perspectivas está mais na ênfase conferida aos elementos de continuidade ou de descontinuidade do que nas hipóteses ou nos objetivos.

Quais alternativas restam a quem investiga os primeiros séculos do medievo e que pretendam abordar temas que tangenciam o saber médico da época? Como se desvencilhar dessas orientações? Seguem sugestões de encaminhamentos que julgo viáveis.

Na literatura destinada ao público monástico, particularmente regras monásticas, cada pormenor do cotidiano era contemplado. Prescrevia-se aos monges uma conduta ascética pautada na renúncia aos prazeres físicos e aos bens mundanos. Além disso, instituía-se um superior hierárquico, o abade, para dirigir os monges e promover sua adequação disciplinar. Contudo, em diversas ocasiões, concedia-se aos fisicamente debilitados, ou seja, idosos e enfermos, que abrandassem o regime ascético. Andrew

Crislip (2008), Gunter Risse (1999) e B. C. Silverman (2002) empreenderam análises sobre os cuidados com a saúde nos mosteiros daquele momento, ressaltando as ideias terapêuticas postas em prática.

O conceito de *discretio*, recorrente na literatura monástica e que compreendia, dentre outros elementos, a ideia de moderação na prática ascética, foi abordado por alguns especialistas, principalmente provenientes da Teologia (RICH, 2007; LIENHARD, 1980; WORTLEY, 2001; ALEXE, 1997). A partir da obra do marselhês João Cassiano, Michel Foucault apontou para a relação existente entre a noção de *discretio* e o poder pastoral (FOUCAULT, 2014: 141-177). Diversos aspectos do ascetismo monacal foram aprofundados pela historiografia recente; entretanto, o rechaço do rigorismo extremado, balizado a partir de um entendimento clássico de saúde e de doença, precisa ser mais explorado.

Outra possibilidade seria problematizar a relação entre os escritos médicos greco-romanos que circulavam na Primeira Idade Média e a nova compreensão de corporeidade humano que emerge com o cristianismo. Nos estudos dedicados à História do Corpo no recorte temporal em questão, não é habitual que tomem a enfermidade ou a saúde como objeto de análise. Por exemplo, Peter Brown (1990) e Aline Rouselle (1984) expuseram o gradual abandono do fisiologismo romano em favor de uma ênfase cristã na dinâmica do pecado; a inserção das ideias médicas nesse panorama não foi contemplada.

Um episódio instigante em particular carece de estudos apropriados: a carta enviada pelo médico Antimo ao rei franco Teuderico no início do século VI, em que indicava os cuidados alimentares necessários para a preservação da saúde.<sup>11</sup> Historiadores da Medicina habitualmente o mencionam para corroborar sua avaliação concernente à continuidade do saber médico clássico, em listagens onde também figuram personagens como Célio Aureliano<sup>12</sup> e Oribaso.<sup>13</sup> No levantamento bibliográfico realizado, o único autor que propôs uma análise mais pormenorizada do *De observatione ciborum* foi Deroux (2002).

O documento em questão foi escrito provavelmente após uma embaixada no reino franco empreendida por Antimo por requisição do rei ostrogodo, a quem servia naquele momento. Conforme esclarecido no preâmbulo, a epístola consistiria num presente do

médico. Por que redigir um texto desse gênero e destiná-la a um rei? Qual o significado político de tal ato? Tais indagações são pertinentes e, até onde pude constatar, ainda não houve quem se prontificasse a responder.

#### **4. Considerações finais**

A produção bibliográfica no campo da História da Medicina, ao abordar o tema do saber médico na Primeira Idade Média, tem como problemática frequente a presença do hipocratismo e do galenismo no período. É recorrente, entre esses pesquisadores, que as práticas medicinais balizadas no *Corpus Hippocraticum* e na obra de Galeno de Pérgamo sejam inapropriadamente referidas como “racionais”.

Entre os historiadores da Medicina, predominam duas perspectivas. A primeira enfatiza a descontinuidade do saber médico greco-romano no começo do medievo, muitas vezes recorrendo à tese da decadência do Império Romano para explicar tal fenômeno. A outra sublinha a continuidade da Medicina clássica na Primeira Idade Média. A divergência concerne apenas à importância atribuída à permanência das práticas médicas antigas, havendo confluência quanto aos resultados alcançados nas diversas análises.

Haveria, entretanto, alternativas possíveis às orientações habituais dos historiadores da Medicina. Por meio da adoção da literatura monástica como *corpus*, investigar os cuidados dispensados aos debilitados fisicamente e o rechaço à renúncia ascética extremada. O diálogo com a História do Corpo pode ser profícuo, apresentando a articulação entre a permanência de ideias médicas antigas com a perspectiva cristã acerca da corporeidade. Por fim, o estudo da epístola de Antimo, destinada ao rei franco, pode propiciar uma análise que tangencie questões políticas.

## 5. Referências bibliográficas

- AGRIMI, J.; CRISCIANI, C. Charité et assistance dans la civilisation chrétienne médiévale. In: GRMEK, M. D. (dir.). *Historie de la pensée médicale en Occident. Antiquité et Moyen Age*. Paris: Seuil, 1995, 3v., V. 1, pp. 151-172.
- ALEXE, Stefan. Le discernment selon Saint Jean Cassien. *Studia Patristica* 30, 1997, pp.129-135 .
- ANTHIMUS. *On the observance of foods. De observatione ciborum*. Devon: Prospect Books, 2007
- BROWN, P. *Corpo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CAIRUS, H. F. *O corpus hippocraticum*. In: CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JR., W. A. *Textos Hipocráticos. O doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, pp. 25-26.
- CASTIGLIONI, A. *História da Medicina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947, 2v. V.1.
- CRISLIP, A. T. *From monastery to hospital. Christian monasticism & the transformation of health care in Late Antiquity*. Ann Arbor: University of Michigan, 2008.
- DEROUX, C. Anthime, un médecin gourmet du début des temps mérovingiens. *Revue belge de philologie et d'histoire* 80 (4), 2002, pp. 1107-1124.
- DIAS, P. B. A *regvla* como gênero literário específico da literatura monástica. *Hvmanitas* 50, 1998, pp. 311-335.
- DRAPER, John Willian. *History of the conflict between religion and science*. New York: D. Appleton and Company, 1874.
- FOUCAULT, Michel. *Obra mal, decir la verdad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.
- FRENCH, R. *Medicine before science. The business of Medicine from the Middle Ages to the Enlightenment*. Nova York: Cambridge University, 2003.
- GARCIA BALLESTER, L. *Galeno en la sociedad y en la ciencia de su tiempo*. Madrid: Guadarrama, 1972.

- GARCIA BALLESTER, L. Galeno. In: LAÍN ENTRALGO, P. (dir.). *Historia universal de la medicina*. Barcelona: Masson Multimedia, 1998, 7v., v. 2. CD-ROM.
- GORDON, B. L. *Medieval and Renaissance Medicine*. Londres: Philosophical Library, 1960.
- JOUANNA, J. La naissance de l'art médical occidental. In: GRMEK, M. D. (org.). *Historie de la pensée médicale en Occident. Antiquité et Moyen Age*. Paris: Seuil, 3v., V. 1, 1995, pp. 27-33.
- JÚNIOR, H. F. *Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LIENHARD, Joseph T. On "discernment of spirits" in the Early Church. *Theological Studies* 41 (3), 1980, pp. 505-529.
- LIVINGSTONE, David N. Re-placing Darwinism and Christianity. In: LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. *When Science and Christianity meet*. Chicago, London: University of Chicago, 2008, pp. 183-202.
- MacKINNEY, L. C. *Early Medieval Medicine. With special reference to France and Chartres*. New York: Arno, 1979.
- MAGNUS; SCHMID, P. Medicina posgalénica. In: LAÍN ENTRALGO, P. (dir.). *Historia universal de la medicina*. Barcelona: Masson Multimedia, 1998, 7v. V. 2. CD-ROM.
- PARK, R. *An epitome to the History of Medicine*. Filadélfia, Nova York e Chicago: F. A. Davies, 1899.
- REBOLLO, R. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia* 4 (1), 2006, pp. 45-82.
- RICH, Antony. *Discernment in the desert fathers. Διακρίσις in the life and thought of early egyptian monasticism*. Bletchley: Paternoster, 2007.
- RISSE, G. History of Western Medicine from Hippocrates to germ theory. In: KIPPLE, K. F. (ed.). *The Cambridge World History of Human Disease*. Nova York: Cambridge, 1993, pp. 11-19.
- RISSE, G. *Mending bodies, saving souls. A history of hospitals*. New York: Oxford University, 1999.

- ROUSELLE, A. *Pornéia. Sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SAYD, J. D. *Mediar, medicar, remediar. Aspectos da terapêutica na medicina ocidental*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SCHMITT, J.-C. Corpo e Alma. In: LE GOFF, Jacques; SCHMIT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, 2v., v. 1, pp. 250-264.
- SILVA, Paulo Duarte. O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média: considerações sobre as noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média. *Brathair* 14 (1), 2013, pp. 73-91.
- SILVERMAN, B. C. Monastic Medicine: a unique dualism between natural science and sipritual healing. *Hopkins undergraduate research journal* 1, 2002, pp. 10-17.
- SOTRES, P. G. Les regimes de santé. In: GRMEK, M. D. (dir.). *Historie de la pensée médicale en Occident. Antiquité et Moyen Age*. Paris: Seuil, 1995, 3v., v. 1, pp. 258-281.
- TENKIM, O. *Hippocrates in a world of pagans and christians*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1995.
- WHITE, Andrew Dickson. *A history of the warfare of science with theology in Christendom*. New York: D. Appleton and Company, 1898.
- WHITE, Andrew Dickson. *The warfare of science*. New York: D. Appleton and Company, 1888.
- WORTLEY, John. Discretion: greater than all the virtues. *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 51, 2011, pp. 634-652.

---

<sup>1</sup> A expressão *Primeira Idade Média*, empregada como referência aos séculos em que a unidade política do Império Romano foi substituída pela pluralidade de reinos romano-germânicos, não é de uso consensual

---

entre os especialistas. O termo *Antiguidade Tardia* ainda é o mais comumente utilizado. Para um balanço crítico que reflete as implicações de cada forma de periodização, cf.: SILVA, 2013,

<sup>2</sup> O livro foi reeditado em 1888. White acrescentou tópicos sobre algumas ciências sobre as quais não discorreu na versão anterior, mas não alterou o conteúdo previamente publicado.

<sup>3</sup> Para a relação entre os trabalhos de Draper e White e o contexto referido, cf.: LIVINGSTONE, 2008: 192-194

<sup>4</sup> Ou seja, investigadores que buscam elaborar grandes sínteses. Conforme demonstro mais adiante, esses pesquisadores trabalham com grandes recortes temporais, que muitas vezes abrangem do século V a.C., época em que, tradicionalmente, acredita-se ter surgido a Medicina ocidental, ao dias atuais.

<sup>5</sup> Não possuir formação acadêmica em História não é um impedimento para que tais pesquisadores se debrucem em investigações sobre o passado. Pelo contrário, o diálogo entre historiadores e médicos pode contribuir para uma melhor compreensão de certos fenômenos históricos. Com a minha observação acima, na verdade, quero alertar que a maior parte dos autores que se dedicaram ao estudo da Medicina no começo do medievo foram treinados para formularem e responderem questões que não são aquelas pertinentes à disciplina História.

<sup>6</sup> Refiro-me à perspectiva medicinal tem que como referência os textos integrantes do *Corpus Hippocraticum*, que, por sua vez, consiste num conjunto de sessenta e seis tratados sobre temas relacionados ao corpo humano e ao exercício da medicina. Foram provavelmente escritos entre 420 e 320 a.C – a data precisa de elaboração de cada documento não foi definida pelos especialistas. Tampouco há consenso quanto a autoria dos textos: embora muitas vezes a redação desses textos seja atribuída a Hipócrates de Cós, acredita-se que alguns tenham sido escritos por médicos contemporâneos ou discípulos da geração imediatamente posterior.

Acerca do próprio personagem de Hipócrates de Cós, Jouanna explica que esse nasceu em 460 a.C., na ilha de Cós, então pertencente à confederação ateniense. Oriundo da família dos Asclepiades, renomada por seu saber médico, seria o responsável por ensinar medicina para quem não era seu parente. Este seria o principal fator de sua reputação, pois, naquela época, o conhecimento medicinal era preservado no interior das estirpes aristocráticas urbanas (JOUANNA, 1995: 27-33; CAIRUS, 2005: 25-26).

<sup>7</sup> O galenismo, por sua vez, concerne às propostas expostas por Galeno, um dos médicos mais profícuos do período romano. Hoje, conhece-se cerca de trinta tratados de sua autoria – e isso por que muito do que escreveu não sobreviveu até os nossos dias. Dos que se perderam, a maior parte era dedicado à temas não pertinentes à Medicina, como a Filosofia, a Filologia e a Retórica.

Galeno era originário da cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, mas mudou-se para Roma por volta de 163, permanecendo lá até a sua morte. Obteve grande fama, sendo até mesmo nomeado como médico pessoal do imperador Marco Aurélio. Galeno aproveitou o fato de ser oriundo de uma família de elite para buscar seus pacientes nos altos estratos da sociedade romana. Ainda segundo essa autora, a declaração galênica de que a filosofia seria necessária ao médico constituiu parte de seus esforços para que a Medicina se tornasse respeitada pelos romanos. (GARCIA BALLESTER, 1998)

<sup>8</sup> Como exemplo das diferenças entre as duas perspectivas, menciono o tema da relação entre enfermidade e natureza. Sayd ressaltou que, para os autores hipocráticos, a natureza possuía um poder formador,



---

mantenedor e regenerador. A dietética consistia numa forma de relação com a natureza em que a preservação e a manutenção são privilegiadas. A cura era imanente e dependia das decisões tomadas sobre o regime de vida, que deveria preservar o melhor possível a ordem natural. O médico só podia tratar aquilo que a natureza podia curar, cabendo a ele estimular ou corrigir o doente cuja natureza era recuperável – ou seja, o médico era um servidor e assistente da natureza. (SAYD, 1998: 24-26)

Garcia Ballester, a enfermidade nos escritos galênicos é um estado do corpo, sendo impossível encontrá-la no meio externo ou na alma. Assim, Galeno radicalizou a formulação hipocrática segundo a qual a enfermidade estaria relacionada à natureza: nos textos galênicos, o conceito de natureza se restringe ao corpo do enfermo. A enfermidade consiste numa alteração que aparta o corpo da ordenação regular de sua própria natureza, resultando no prejuízo das atividades que compõe a vida natural do corpo: respiração, digestão, movimentação, etc. (GARCIA BALLESTER, 1972: 172-176)

<sup>9</sup> A fim de prosseguir recorrendo à expressão, Frenche propôs que o “racional” se referisse simplesmente ao uso de argumentos, amplamente baseados na Filosofia e na Dialética, e de origens antigas que não necessariamente são atualmente válidos (FRENCHÉ, 2003: 2). Contudo, o adjetivo continua inapropriado. A argumentação segundo princípios filosóficos e dialéticos e o recurso a algo precedente não consiste numa especificidade da Medicina, uma vez que é característica comum ao discurso cristão da Primeira Idade Média como um todo. Então, o termo “racional”, no sentido defendido por Frenche, cria uma diferença inapropriada entre o discurso médico e outros tipos de discurso.

<sup>10</sup> Os termos entre aspas correspondem aos utilizados pelo autor e com os quais discordo, seja por decorrerem de uma perspectiva evolucionista ou por serem demasiadamente simplificadores.

<sup>11</sup> A primeira tradução do documento foi realizada por Mark D. Grant apenas em 1996, o que provavelmente contribuiu para que fosse pouco estudado (ANTHIMUS, 2007)

<sup>12</sup> Célio Aureliano viveu no norte da África provavelmente no século V. Traduziu para o latim a obra do médico grego Sorano, mas também escreveu o *De morbis acutis et chronicis*, um compêndio sobre doenças. Os tratamentos que prescrevia sublinhavam a importância da dietética. Ainda que seu principal referencial fosse Sorano, Célio Aureliano mencionava autoridades médicas que existiram desde a época de Hipócrates (GORDON, 1960: 48-50; MAGNUS, SCHMID, 1998)

<sup>13</sup> Oribaso foi um médico de origem bizantina. Atuou primeiramente junto ao imperador Juliano, tendo sido temporariamente exilado na Gália por Valente e Valentiniano. Durante esse período no Ocidente que Oribaso escreveu sua *Collectionvm medicarvm*, composta por sessenta e seis livros. Sua principal referência era Galeno, embora recorresse a outros autores (CASTIGLIONI, 1947: 294-295).